

AS EXPERIÊNCIAS DE “ZÉ PROFESSOR” NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DA CASA-ESCOLA DO VALENTIN (1979-1982) RORAINÓPOLIS-RR

Maria Clelia Pereira da Costa¹

Carlos Roberto da Silveira²

Introdução

O objetivo central desse artigo é relatar as experiências e as práticas pedagógicas de um professor leigo o “Zé Professor” que, a partir do trabalho dos alunos na lavoura alfabetizou centenas de alunos da Casa-Escola do Valentin localizada a BR 174 km 475 no Sul do Estado de Roraima. Esta investigação inseriu-se na Linha de Pesquisa Práticas Discursivas, Processos Culturais e Educativos do Curso de Mestrado em Educação da Universidade São Francisco Itatiba-São Paulo. Contudo, este estudo é parte da pesquisa de mestrado realizada durante dois anos (2014-2016) em áreas do Projeto do Assentamento Dirigido Coronel Salustiano de Farias Vinagre e Anauá (PAD/ CSFV³/ANAUÁ) concluída em fevereiro de 2016, sendo esse recorte tratado entre 1979-1982.

O corpus reside nos conceitos das leituras realizadas sobre “Pedagogia da Terra” de Miguel Arroyo (2000), Caldart, (2004). No entanto, Rosineide, Bortoni-Ricardo, Gondim, (2009), fortalecem as reflexões e discussões sobre alfabetização e as metodologias do professor. O texto em questão está centrado na oralidade nas lembranças de Zé Professor que dão vozes a estas narrativas considerando os estudos de Meihy, Holanda (2007, p. 71), enfatiza, “Como técnicas, o uso das fontes orais confere sentido acadêmico à aplicação das entrevistas que passaram a ser válidas como recursos de separação da história oral, produzida na universidade em oposição às soluções que se valiam do uso mais ‘inocentemente’ ou “livre” das entrevistas”.

Esse imaginário permite a interpretação dos fatos propiciando importantes recursos à pesquisa científica, à medida que esse instrumento favorece seu prestígio, atenção nas explicações e sinaliza o valor do registro pensar e interpretar as narrativas testemunhas dos acontecimentos vivido, do lembrado, e assim possibilita outro olhar para o dito nessas vozes silenciadas.

Alinhavando a história do professor da Casa-Escola

Para o leitor situar-se no espaço tempo, vamos costurar os pedaços dessa história e conhecer alguns fragmentos das narrativas de José Raimundo dos Santos (Zé Professor) natural de Fortuna-Maranhão, chegou a BR 174 em 25 de outubro de 1978, em busca de terras. Zé Professor explica sobre sua trajetória na função de educador,

(...) Nunca imaginei ser professor mais o destino me ofertou, quando em fevereiro de 1979, me visitou Tomaizão com minha madrinha Amália, ele me convidou para uma reunião e Amália pediu para eu derrubar sua roça. Nesse intervalo apareceram Paulo Lopes e Raimunda Guevara Coordenadores da Divisão de Educação do Interior, me convidaram para trabalhar na Casa-Escola do Valentin. No dia da reunião Valentin abordou o assunto que o professor de 1978 desistiu, e necessitava de uma pessoa da localidade que

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Roraima Mestre em Educação pela Universidade São Francisco-USF-Itatiba SP. E-mail: cleliasup@gmail.com.

² Mestre em Filosofia-PUC-CAMP. Doutor em Filosofia-PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da USF-SP

³ Projeto de Assentamento Dirigido Coronel Salustiano de Farias Vinagre PAD/CSFV, instituído pela Resolução INCRA, nº 141, de 7 de outubro de 1975, na região Sul de Roraima.

enfrentasse as dificuldades. Durante a reunião, Tomaizão me apresentou como o novo professor da escola sua estratégia não permitiu defesa nem tempo para pensar e dizer não. [...] Tomaizão perguntou - Você está decidido homem? Não sei vou tentar, mas não prometo muita coisa (05/07/2015).

No tratado da memória e da lembrança, é importante notar que “quando recordamos experiências vivenciadas anteriormente, temos a impressão que construímos nosso passado de acordo com as motivações estritamente pessoais” (SANTOS, 2003, p. 33). Dessa feita, Zé Professor traduz na essência o significado do tempo, a vivência atravessada por verdades que simbolizaram o valor da terra. Ele busca na memória o passado individual, coletivo e social, os acontecimentos à luz histórica a luta pela escolarização dos assentados e tece uma teia de sua vida imbricada e pincelada com a história da escola investigada.

Essa luta nas palavras de pesquisadores da Pedagogia da Terra Caldart, Arroyo (2004, p. 342) se pauta na esperança do homem e tem significado de permanência. Esta coletividade esteve presente na construção da Casa- Escola um barraco de pau a pique coberto de cavaco e cercado de palha media 6x7 e servia a diferentes propósitos, salão de festa, igreja, escola, reuniões e moradia para os professores.

Após a reunião a “Casa-Escola” encontrou seu caminho, com passos lentos, firmes e significativos. O novo professor enfrentou os desafios ponderando cada situação, aluno sem documentos, falta de espaço físico, transporte escolar, e experiência profissional.

A dúvida se dava a respeito de suas práticas pedagógicas, logo dissipada a preocupação dos pais, quanto o processo de aprendizagem dos filhos, dando lugar à tranquilidade de saber que um simples serrador se mostrou um excelente profissional da educação. Assim a pergunta que não quer calar. Como o processo de alfabetização foi conduzido nas atividades de Zé Professor, quando somente ele possuía a 4ª série do ensino primário e não dispunha de experiência metodológica para realizar tão árdua tarefa?

A resposta vem somada as narrativas dos sujeitos do assentamento, o início da carreira de Zé Professor desafiaram-no a buscar respostas para aplicar suas metodologias no campo da educação rural focado na melhoria de sua prática pedagógica, ele se viu avaliando o aprendizado dos alunos, a segurança dos conteúdos ministrados e a satisfação das famílias. Zé Professor assegura

Os professores naquele tempo a maioria tinham somente o ensino fundamental, eu mesmo só tinha a 4ª série e fui convidado para trabalhar nessas condições. Nunca fiz curso superior ou magistério, não pensei que tinha habilidade para ensinar até o dia em que pisei na sala de aula e tudo começou a fluir sempre tive sucesso com meus alunos (05/07/2015).

Partindo desse princípio é compreensível refletir sobre a formação do professor da Casa-Escola, suas práticas pedagógicas, produção de material didático, organização do espaço, domínio de sala de aula, e, sobretudo, a capacidade de promover o ensino nas classes multisseriadas e desenvolver o processo alfabetizador. Estes caminhos podem ser essenciais no cotidiano escolar dos alunos e seus pares. “A cultura da “minha escola” se impõe por meta organizar a vivência: superar o parcial, estabelecer ligações, vislumbrar perspectivas, conseguindo colocar como conjunto a situação, a comunidade e até o desenrolar da história” (SNYDERS 1993, p. 146).

Nesse aspecto a Casa-Escola do Valentin, além da militância por sua instalação, se traduziu por um lugar social de pessoas que buscaram no trabalho da escola um espaço de lazer, do saber, de esperança de interesses das famílias migrantes, nas relações de pertencimento da posse da terra e da escola do campo,

O trabalho na terra, que acompanha o dia-a-dia do processo que faz de uma semente uma planta e da planta um alimento, ensina de um jeito muito próprio (também cultural, simbólico) que as coisas não nascem prontas, mas precisam ser cultivadas; são as mãos do camponês, da camponesa as que podem lavar a terra para que chegue a produzir o pão. Esse também é um jeito de compreender que o mundo está para ser feito e que a realidade pode ser transformada, desde que se esteja aberto para que ela mesma diga a seus sujeitos como fazer isso, assim como a terra vai mostrando ao lavrador como precisa ser trabalhada para ser produtiva (CALDART, 2004, p. 343- 354),

Esta didática se revela no trabalho do camponês, do educador do campo em condições que lhes são apresentadas em diferentes dimensões. “Não foi difícil passar daí às primeiras tentativas de retomar o processo de alfabetização das crianças, nem que para isso a própria terra ocupada tivesse que se transformar em um quadro de giz, escrita com galho de árvore ou uma lasca de pedra” (Op. cit., p. 231). Superando os obstáculos da Casa-Escola, permanência do educador novas estratégias foram planejadas para a educação formal do assentamento.

Das tarefas da lavoura ao processo de alfabetização de centenas de alunos

A trajetória histórica, dessa escola é atravessada por lutas humanas, (Valentin, Zé Professor, Chico Leão, Tomaizão, Amália) e, se apresenta como pano de fundo para uma reflexão sobre suas nuances políticas, sociais e culturais. Por outro lado, Zé Professor desenvolveu a interdisciplinaridade sem ter conhecimento, o lúdico permeou o processo de trabalho dos estudantes na lavoura, do preparo da terra a venda e consumo interno dos produtos. Quanto à alfabetização e letramento Rosineide Magalhães (2009, p. 35) acrescenta,

Em um mundo decorado de letras, números, cores, imagens, sons, as crianças, desde cedo, leem e escrevem ao seu modo sem os conhecimentos legitimados da escola, formulam suas hipóteses e vão lendo de sua forma [...] as narrativas criadas a partir dos personagens indicados por elas (animais, objetos plantas, personificados).

A variedade de objetos se mostrou significativo aos olhos do professor um espelho produtor de conhecimentos capaz de aguçar o interesse dos alunos na escrita, leitura e produção oral. De acordo com Gondim, (2009, p. 87-88),

O primeiro passo para o incentivo à leitura é não fazer desta atividade uma obrigação.[...]As atividades prazerosas fazem parte do lazer, do divertimento e de momentos de relaxamento. Por isso, se queremos que nossos alunos gostem de ler, não podemos impor a leitura como uma tarefa obrigatória. [...] O ato de ler proporciona um prazer que vem acompanhado de motivação interna, que nos faz ir além do que estamos lendo, e nos leva a buscar novas leituras.

Zé Professor dinamizou o trabalhar com leitura e escrita de forma prazerosa, sem saber estava conduzindo uma metodologia, que seria no futuro um recurso de aprendizagem. “A forma como eu trabalhava para alguns parecia brincadeira, mas deu resultados positivos. Hoje talvez não tivesse resultado tão interessantes”(28/12/2015). O aprendizado no ambiente familiar também foi significativo, o velho jornal, a receita da vovó, o rótulo das embalagens, o nome do militar escrito no uniforme, às revistas, o livro de Bang-bang, recados, gibis, cartazes,

mapas, cordel, bilhetes, carta familiar, considerando as histórias compartilhada pelos alunos ou pelo professor.

As brincadeiras estavam fora dos conteúdos mais os estudantes não questionavam estavam interessados no acervo da biblioteca feita de caixa de papelão. Não era uma biblioteca convencional, mas servia a seu propósito com o material doado. A minha busca foi constante nos cursos de capacitação por literaturas, qualquer coisa servia (05/07/2015).

Considerando o trabalho de Zé Professor entendemos que sua preocupação se tornou um elo para lembrar que a pluralidade cultural, linguística e social dos alunos lhes permitiu a construir seus métodos de ensinar, estratégias históricas que ramificou sistematicamente nas escolas por onde passou. Já às regras ortográficas Bortoni-Ricardo (2009, p. 123) ressalta “O domínio da ortografia é gradual, lento, demorado. Quanto mais oportunidade temos de observar a língua escrita, refletindo sobre suas características, mais domínio vamos adquirindo sobre as convenções que a regem”.

A escrita contínua no caderno rotativo se consolidava após as tarefas corrigidas pelos alunos. Zé Professor confessa que esse trabalho era minucioso até alcançar o processo de alfabetização no período de um trimestre.

Zé Professor entende que cada árvore tem suas folhas marcadas como um DNA, sua marca também fez diferença,

Eu não tinha o domínio de ensinar, não escrevia ortograficamente correto, mas aprendi com meus erros, com meus alunos, e esforços diários para fazer o melhor pelos menos favorecidos e excluídos da sociedade letrada. Ao mesmo tempo em que eu ensinava aprendia com os alunos, alguns falantes, outros não, esta variedade linguística me tirava do sério, cada um falava a mesma palavra de forma diferente (28/12/2015).

Essa mola mestre compreende o esforço e dedicação do educador para mediar o ensino, hoje e no afã das tecnologias os alunos estão à frente dos educadores em diversas situações. Para exercer esse ofício é preciso mais que coragem, a determinação faz parte da bagagem desse profissional que agrega em seu currículo outros papéis: delegado, promotor de justiça, réu dos alunos, isso considerando o primordial o bom relacionamento.

Considerações finais

A escrita desse artigo não teve como base mostrar as ações da escola como um todo, um acervo escolar, nuances políticas e sociais, mas limitou-se apenas apresentar as práticas pedagógicas de Zé Professor o qual menciona sua adaptação ao ambiente desprezado por tantos e o desejo de outros. Estas memórias se manifestam em tom de certeza da militância que exerceu nos lugares que circulou, sobretudo, as atividades que exerceu no assentamento, na Casa-Escola e na Maloquinha.

É extremamente importante compreendermos os fatos históricos dessa educação “menor”, mas transformadora que levou a integrar experiências diversas, de pais, professores, colonizadores sem medo da repressão, o descaso dos governantes na construção dos novos espaços de aprendizagem.

Conclui-se que Zé Professor foi o instrumento potencializador gerador de condições de aprendizagem desse movimento escolar. Ao expor seus ditos podemos considerar a essência do

seu trabalho vencendo os obstáculos das práticas pedagógicas, focado no interesse dos estudantes, na realidade vivida em suas parcelas os conduziu a leitura, a escrita de textos; a oralidade se sobressaía fruto do desdobramento das tarefas a bagagem que definiu a alfabetização de centenas de alunos da BR 174 onde prevalecia o desejo de saber fazer quando entenderam que a escola se mostrou necessária.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez et al. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 400 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007, 175 p.

ROSINEIDE, M. Sousa (Org.). **Leitura e escrita: estratégias de apoio de leitura, interpretação e produção de texto no ensino fundamental: anos iniciais**. 2. ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003. 208 p.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Tradução Cátia Ainda Pereira da Silva.